

AS URBANIDADES E OLHARES GEOGRÁFICOS PERCEBIDOS NA LITERATURA BRASILEIRA AFRO-DESCENDENTE.

Geny Ferreira Guimarães*

Resumo:

Este artigo apresenta uma breve reflexão sobre o quanto pode ser percebido de características citadinas e urbanas na literatura afro-descendente. Seja na poética, nos contos, nos romances, em produções literárias ficcionais, biográficos ou relatos. A literatura afro-brasileira pode ser uma rica fonte para estudos geográficos urbanos. O Rio de Janeiro é um exemplo de cidade amplamente presente na literatura afro-descendente de escritores afro-descendentes cariocas. Neste caso é possível desenvolver um amplo retrato de características da cidade e expor muitas relações e vivências urbanas do negro carioca, do subúrbio, enfim, da cidade como um todo sob o olhar geográfico presente na literatura.

Palavras-chave: Rio de Janeiro. Afro-descendente. Literatura. Urbano.

* Professora de Geografia. Doutoranda em Geografia (UFBA), Mestre em Ciências Sociais (UFRRJ), Especialista em Gestão Ambiental (UERJ), Especialista em Relações Internacionais (UCAM), Bacharel e Licenciada em Geografia pela (UFF). Endereço eletrônico: genybr@yahoo.com.br.

AS URBANIDADES E OLHARES GEOGRÁFICOS PERCEBIDOS NA LITERATURA BRASILEIRA AFRO-DESCENDENTE.

Geny Ferreira Guimarães¹

Decifrar as cidades é uma forma de fazer frente a (...) desafios, onde a Geografia e a Literatura encontram-se como leituras possíveis.

Heloísa Araújo de Araújo

Introdução

Neste trabalho se pretende relacionar duas áreas do conhecimento: a Geografia e a Literatura. Tentativas como esta não são consideradas novas, mas aparecem de forma escassa e marginal até pelo menos os anos de 1970, segundo o autor Brosseau (2007, p. 17).

O espaço geográfico escolhido é a cidade do Rio de Janeiro, porém as visões são de autores diferentes e de épocas diferentes. De uma cidade de finais do século XIX e de uma cidade de finais de século XX e início de século XXI. Olhares masculinos e femininos, mas sempre olhares de afro-descendentes.

Os olhares geográficos deste artigo são encontrados em alguns contos de Machado de Assis e seguem circulando por Éle Semog e Lia Vieira. Contos e poéticas impregnados de descrições da cidade, de críticas e representações que se entrecruzam com perspectivas geográficas.

O trabalho está dividido em 4 partes. Na primeira parte é possível encontrar uma sucinta apresentação da relação Geografia com a Literatura e a relação da identidade cultura com a escrita afro-descendente. A segunda parte apresenta de forma breve partes de algumas produções dos autores escolhidos e as perspectivas geográficas percebidas sobre o a cidade do Rio de Janeiro. Na terceira parte se encontram algumas considerações finais. Em seguida o artigo é finalizado com as referências bibliográficas utilizadas.

¹ Professora de Geografia. Doutoranda em Geografia (UFBA), Mestre em Ciências Sociais (UFRRJ), Especialista em Gestão Ambiental (UERJ), Especialista em Relações Internacionais (UCAM), Bacharel e Licenciada em Geografia pela (UFF). Endereço eletrônico: genybr@yahoo.com.br.

1- Geografia e Literatura: a identidade cultural afro-descendente.

As relações entre a Geografia e Literatura não são recentes, talvez o que seja ainda novo é a tentativa de se relacionar a Geografia com a Literatura Afro-descendente. Se para alguns autores esta relação era escassa e até mesmo marginal até os anos de 1970 (BROSSEAU, 2007), o que pensar atualmente sobre esta relação com a Literatura Afro-descendente e que somente no século XXI vem ganhando visibilidade? Mas, que também não é nova e muito menos de menor valor.

Todo ramo da literatura possui suas especificidades que são oriundas de seus grupos sociais; de suas características e/ou origens culturais; do tipo de narrativa; do tempo e contexto histórico; do espaço geográfico no qual o autor e as personagens se encontram inseridas, enfim, de uma gama de elementos utilizados para formar um texto. Um texto de identidade afro-descendente possui características específicas que o faz existir e ser classificado como tal. E, não necessariamente se reduz a origem étnico-cultural de quem o escreve pode ser considerada como o único sinal para que o mesmo seja um texto afro-descendente. Contudo, a essência da identidade cultural do escritor influencia diretamente em sua obra e a forma como é desenvolvido o texto, além dos elementos que se encontram em uma obra.

Algumas produções literárias apresentam uma “discussão da afro-descendência como uma das principais formas de questionamento, na sociedade contemporânea, que envolve a participação direta de afro-descendentes nos mais diferentes setores sociais do Estado.” (SILVA, 2008, p.1). Na literatura este questionamento é percebido em muitos autores, o que não é para menos diante de toda mazela social sofrida por este grupo. Representa uma forma de resistência e combate ao atual racismo, questionamentos e redução das condições socioeconômicas desiguais dos indivíduos afro-descendentes brasileiros e tentativas de rupturas com estigmas produzidos socialmente pela trajetória do passado colonial escravista e todas as suas formas de violência. Somado a isto, uma valorização da origem cultural da herança africana que tanto foi e ainda é subjugada, mas principalmente uma luta contra o sistema racista que foi implantado e acreditado ser sutil na sociedade brasileira. Todos estes exemplos são temáticas constantes, sem deixar de dizer da condição da mulher negra, que sobre este tema as próprias mulheres se encarregam de enfatizar e muito bem em seus trabalhos literários.

O que Silva (2008) descreve de características das obras de José Severo D'acelino, escritor sergipano podem ser percebidas nas obras de vários outros autores afro-descendentes.

A poesia escrita por D'Acelino bem como os artigos publicados e os projetos educacionais coordenados pelo escritor refletem uma preocupação constante em educar os sergipanos na direção de uma cultura produzida para marcar a importância da literatura afro-brasileira como um lugar de expressão significativo que problematiza as hierarquias sociais construídas, as relações de poder disseminadas socialmente, a formação de identidades, o combate ao preconceito e a discriminação racial e de gênero e ainda, a valorização da auto-estima como principal ponto de partida na luta contra a formulação de estereótipos. (SILVA, 2008, p.1)

Outro exemplo é Édouard Glissant, intelectual martinicano, cuja “escrita — de grande densidade poética — está sendo conscientemente ancorada na espessura antropológica e na singularidade histórica do *lugar* de onde o intelectual, o poeta, o escritor e o artista emitem a sua voz, o seu canto.” (ROCHA, in: GLISSANT, 2005, p.10). A obra deste autor é baseada nas vivências e percepções que possui do povo martinicano e que estende aos antilhanos em geral e quiçá toda a América.

... discute as forças centrípetas das culturas antilhanas e das Américas marcadas pelo Tráfico de africanos, pelo sistema de plantação e a escravidão, forças que considera determinantes no processo de constituição da identidade cultural de uma grande parte dos povos da América colonizada pela Europa, e marcada pela presença africana. (GLISSANT, 2005, p.10)

Contudo, a herança africana que forma a identidade cultural não pode ser vista de maneira isolada e como único elemento formador desta identidade, pelo fato de existir uma relação entre as culturas e/ou do “contato entre as culturas, as línguas e as civilizações, na contemporaneidade.” (GLISSANT, 2005, p. 10).

... as culturas não são, mas estão dentro do processo da *Relação*, e a função exploratória das artes e das literaturas coloca-se como urgente e necessária no árduo trabalho de fazer emergir a complexidade e a heterogeneidade de cada cultura específica em *Relação* dentro da *Totalidade-Terra*, tendo em vista pensar os caminhos possíveis para a preservação da diversidade dentro da confluência das culturas. (GLISSANT, 2005, p. 11)

A identidade cultural dos afro-descendentes e o que se produz em obras artísticas e literárias são remetidas a pontos de encontro comuns que são os de

suas origens culturais, de valorizações socioculturais, de questionamentos das questões e/ou problemáticas socioeconômicas resultantes do processo de diáspora, colonização e escravização. Somados a estas características também existem as temáticas gerais: natureza, romance, vida, morte, etc., todos os elementos que também são encontrados em outros tipos de literatura.

Neste artigo se considera que algumas produções de Machado de Assis e *Éle Semog* se encaixam dentro dessa perspectiva de análise de Glissant (2005) e podem ser percebida como produções literárias sobre um lugar cultural cujas relações são estabelecidas por um grupo com uma determinada identidade cultural em seu contexto social. Utilizando as próprias categorias de Glissant (2005, p.19-21; p.71-73) sobre as culturas atávicas e compósitas, a primeira sendo o princípio ou a Gênese e a segunda aquela que se junta a outras. Na cidade do Rio de Janeiro, com a diáspora africana, se formou uma cultura compósita assim como ocorreu no Caribe com o seu processo de criouliização. Por isso, tanto no Brasil quanto no Caribe ocorreu uma inferiorização dos componentes culturais africanos e negros durante o processo de relação entre culturas e de formação destas culturas compósitas.

1. A cidade do Rio de Janeiro de contos e poéticas afro-descendentes

A cidade, conceito bastante estudado no âmbito da Geografia que tenta entender suas dinâmicas e relações, também é bastante presente nas obras literárias. Dos dois autores apresentados neste artigo, a cidade foi um elemento central em algumas de suas obras, Machado de Assis² e *Éle Semog*³. Em obras de

² Filho de afro-descendente com portuguesa, nasceu e viveu no Rio de Janeiro de 1839 a 1908. Pode-se dizer que teve sua vivência no Rio de Janeiro, pois assim como João do Rio², Machado viveu a cidade em todas as suas nuances e circulando de um lado a outro. Nascido livre, no Livramento, livremente lia, escrevia, analisava, criticava, observava tudo que se passava ao seu redor e com todas as amizades que fez pode entender muito do que acontecia em termos políticos e econômicos na cidade. Assim participava do seu jeito: escrevendo e convivendo no contexto social e geografia da cidade com muitos outros escritores, poetas e personalidades da história da cidade e do Brasil, como: João do Rio, Araripe Junior, Euclides da Cunha, Silvio Romero, Rui Barbosa, José Veríssimo, Luiz Gama, entre outros.

³ Luiz Carlos Amaral Gomes, nascido em Nova Iguaçu, um Administrador de Empresas que sabe administrar muito bem a poética negra de um afro-descendente que escreve o que vê, o que todos vêem, mas que muitos fingem não enxergar. “O racismo que denuncia não é um elemento figurativo. Está na pele segregada, na boca amordaçada, na obrigatoriedade da perfeição, na consistência de que tudo à direita serve à esquerda e vice-versa (“para comprovar, tente ser negro e ser tudo”).” (ZARVOS, Prefácio, in: SEMOG, E. *A Cor da Demanda*, 1997, p. 8)

Machado de Assis se percebe a cidade, contexto social, relações e problemáticas ao seu redor. Principalmente com relação a lugares da cidade do Rio de Janeiro e relações políticas e da escravatura. Transformava os seus pensamentos em palavras de forma sutil, “[a]pesar de não assumir de público sua condição de afro-descendente, nem adotar uma postura militante ou sectária, Machado de Assis encontra sempre meios para se posicionar contra a escravidão.” (DUARTE, 2007, p. 47). Por se tratar de um momento e contexto social muito difícil, desde cedo aprendeu a agir de forma diplomática, caso contrário, não teria conseguido circular em tantos ambientes considerados de elite.

À trajetória do cidadão agrega-se o sucesso do escritor perante um público que, em sua grande maioria, estava longe de situar-se entre as classes populares. Desse modo, sua biografia mostra a ascensão de um afro-descendente, vindo das margens da estrutura social, para se aproximar da elite de seu tempo: imprensa, literatura, máquina governamental. Alguns desafetos atacaram esse “aburguesamento”, que, para eles, corresponderia à assunção das práticas sociais e literárias dominantes. Afirmou-se, inclusive, que o uso de barba e bigode, quase obrigatório entre os homens de seu tempo, teria como objetivo o disfarce dos traços negróides. Isto sem falar dos polêmicos retoques para clarear a pele nos estúdios dos fotógrafos da época. Tais lugares-comuns, somados à ausência de um herói negro em seus romances, fundamentam em grande medida a tese do propalado absentismo machadiano quanto à escravidão e às relações interétnicas existentes no Brasil do século XIX. (DUARTE, 2007, p.8-9)

Durante muito tempo a sociedade não percebeu em suas entrelinhas e sutileza a sua veia afro-descendente, sua identidade cultural próxima de sua herança africana. Por ser comum que as leituras de Machado de Assis fossem feitas pela elite brasileira (finais de século XIX e início do século XX) devido ao seu grau de erudição e ao fato de que boa parte dos brasileiros, os que não faziam parte da elite, era analfabeta. A percepção da obra de Machado foi construída de acordo com esta classe social e “... antes de tudo, uma leitura e, como tal, uma construção, fruto do processo de recepção literária, e sujeita a contestações inúmeras.” (DUARTE, 2007, p. 9). Ainda para este autor, aos leitores que sintetizaram uma leitura equivocada de Machado, também é possível acrescentar que lhes faltaram, utilizando e repetindo uma frase do poema *Ponto Histórico*, de Semog, a “história que só os negros sabem contar... e que poucos podem entender.”

Além disso, se percebe na obra de Machado de Assis, principalmente em alguns contos, a sua predileção em descrever espaços da cidade do Rio de Janeiro, principalmente espaços populares, subúrbios, interiores, os morros e,

coincidentalmente, áreas da cidade por onde cresceu. Em algumas de suas obras se encontram bons exemplos e verdadeiras aulas de geografia da cidade do Rio de Janeiro com suas descrições das relações cotidianas do carioca, da paisagem, mas também das características sociais de lugares da cidade. Por exemplo, em *Conto de escola* no qual todo o movimento da personagem está em torno dos morros da região portuária, do bairro da Saúde e Gambôa, proximidades do mercado de escravizados, valongo, cemitério e porto dos desembarques de pretos novos: **Pequena África Carioca**⁴.

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar amanhã. Hesitava entre o Morro de São Diego e o Campo de Santana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou Campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão. (ASSIS, 2002, p. 78)

Neste trecho, o autor vai descrevendo uma área da afastado das decisões políticas, área de pobres, descendentes de escravizados, mestiços, pouca ou nenhuma melhoria urbana, área dita insalubre pelas autoridades cariocas e com alguns pontos que mais chamavam de campo, por estar fora do centro⁵ da época. Machado de Assis assiste e convive com as mudanças de uma cidade em expansão, mas ainda com pouca clareza de suas categorias espaciais, pouca infraestrutura. Mesmo assim, com algumas áreas definidas pela administração da cidade como sendo áreas impróprias e que no início do século XX se encarregam de criar projetos pra desocupá-las. Como foi o caso do Morro do Castelo (com seu desmonte) e área da Saúde (parte da Pequena África que com a campanha da Vacina e isolamento espacial a partir da ausência de melhorias na área se tornou pouco acolhedora). Limites entre urbano e campo que eram muito mais próximos do que nos dias de hoje, até porque os limites da cidade eram outros. Descritos muito bem no texto de ABREU (1997):

⁴ Região de grande concentração de africanos e seus descendentes no século XVIII, XIX e início do XX que abrangia, aproximadamente, o que hoje na cidade do Rio de Janeiro está representada pelos bairros da Saúde; Gambôa; Morros da Providência; Pinto e Santo Cristo; Central do Brasil; Campo de Santana; Praça Onze e Cidade Nova.

⁵ Naquela época, todos os lugares que se localizavam afastados ou fora do centro administrativo do Rio de Janeiro era considerado campo (zona rural ou sertão) ou área pantanosa. Característica que começa a mudar no século XIX, com o crescimento da cidade e o campo se tornando mais distante do centro.

... o Rio era uma cidade apertada, limitada pelos Morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Ocupava, entretanto, um chão duramente conquistado à natureza, através de um processo de dissecamento de brejos e mangues que já durava mais de três séculos. Além dos morros havia apenas alguns tentáculos, que se dirigiam aos “sertões” do sul, do oeste e do norte.

Era também uma cidade em que a maioria da população era escrava. Quase que uma cidade de mercadorias. Poucos eram os trabalhadores livres, e reduzidíssima a elite administradora/militar/mercantil que lhe dirigia política e economicamente. A falta de meios de transporte coletivo e as necessidades de defesa faziam com que todos morassem relativamente próximos uns aos outros, a elite local diferenciando-se do restante da população mais pela forma – aparência de suas residências do que pela localização das mesmas. (ABREU, 1997, p. 35).

Ainda nas obras de Machado de Assis é possível encontrar alguns lugares da cidade fora do centro, consequência de suas andanças pelo espaço carioca. Em o *Jogo do Bicho* (1904), conto sobre Camilo, um rapaz que ocupava um dos arsenais do Rio de Janeiro (Marinha ou Guerra), pobre e solteiro, que ao passar um Natal no subúrbio do Rio, no Rocha, com amigos, conhece a sua futura esposa (se casam em 3 meses). Passam a somar ou dividir a pobreza, pois “[n]enhum tinha nada, ele, apenas o emprego, ela as mãos e a pernas para cuidar da casa toda, que era pequena, e ajuda a preta velha que a criou e acompanhou sem ordenado.” (ROCHA, 2008, p. 167). Suas diversões eram a Ópera da Rua do Ouvidor, ou passeios pela Tijuca, às vezes Petrópolis. O fato é que o conto vai relatar o hábito ou vício no qual Camilo é acometido pelo jogo do bicho (ora ganha, ora perde), atividade carioca, do cotidiano da cidade. Atividade que surge no subúrbio e se espalha pela cidade, com todas as suas contradições e contravenções, ilicitudes que lhe atribuem e que perduram até os dias de hoje. Mas, que gera uma verdadeira cartografia retratada em muitos estudos geográficos cariocas envolvendo a política (inclusive políticas públicas), economia, cultura popular e até crimes (quicá nacionais e internacionais). Contudo, desde que surge e até hoje, sua grande maioria de seguidores ou apostadores são os pobres e suburbanos cariocas. Qual o perfil dessa gente?

Em *Pai Contra Mãe* (1906), Machado retrata o fim de alguns ofícios, aparelhos e instituições com o final da escravidão. O ofício mais descrito por ele e que muito movimentava a cidade era o do Capitão do Mato, assim como os funileiros (de ferros que se aplicavam no rosto e pescoço dos escravizados fujões). Neste conto tem-se o Valongo e ruas da cidade sendo descritos com suas funções sociais da época. Mesmo que não seja explícito no texto. Mas, locais que deixam de existir com o fim da escravidão. Assim como várias ruas da cidade que eram conhecidas por conta de

seus pelourinhos (como no caso da Rua e Largo da Carioca). Contudo, o ofício que mais perdeu com o fim da escravidão foi o caçador de escravizados fugidos (que ao serem recuperados eram punidos e muitas vezes açoitados nos pelourinhos da cidade). Também ruas, como Rua do Parto, Rua da Ajuda, e por quê? O texto se desenrola em função de fugas de escravos e de um menino órfão. Essas ruas tinham como função social abrigar casas de recolhimento e roda. Normalmente as casas de recolhimento abrigavam meninas órfãs e mulheres abandonadas pelo marido ou despejadas de seus senhores; as rodas abrigavam todo e qualquer tipo de órfão. Em grande maioria; essas mulheres e órfãos eram escravizados, descendentes de africanos ou mulheres brancas acusadas de adultério. Fatos importantes e corriqueiros da organização socioespacial da cidade do Rio de Janeiro.

Já em algumas obras de Semog, a visão urbana de marginalização do negro na sociedade carioca é bem forte. Poeta e militante negro, Semog vai desenvolver uma postura de questionamento social mais expressiva do que Machado, até porque vive em um momento de maior abertura, mesmo que a violência e injustiças étnico-raciais sejam ainda muito grandes. Mas, nada se compara ao período de plena escravização do africano e seus descendentes.

Semog estende sua crítica aos guetos de várias partes da cidade que enclausuram o afro-descendente. Que não estão representados apenas pelos morros, comunidades e favelas, mas pela própria forma de viver dessas pessoas que é negligenciada por políticas públicas que melhorem suas condições de vida (lazer e trabalho) e suas circulações na cidade. A crítica de que a segregação na cidade é imposta pelas péssimas condições de manutenção dos lugares e de desrespeito às pessoas. Tal fato tendo como exemplos alguns bairros e meios de transportes da cidade que majoritariamente são ocupados e utilizados por afro-descendentes se encontrarem em estados de conservação tão deploráveis que nem com poesia é possível torná-los mais aprazíveis. No poema abaixo, isto é bem claro.

Outras Notícias

Não vou às rimas como esses poetas / que salivam por qualquer osso.
/Rimar Ipanema com morena / é moleza, / quero ver combinar
prosaicamente / flor do campo com Vigário Geral, / ternura com Carandiru, /
ou menina carinhosa / trem pra Japeri. / Não sou desses poetas / que se
arribam, se arrumam em coquetéis / e se esquecem do seu povo lá fora. (in
Cadernos Negros: os Melhores Poemas, 1998, p.58)

Outra paisagem carioca muito expressiva, mas que passa despercebida se refere aos momentos e horários da conhecida sopa, prática que se espalhou por toda a cidade sendo oferecidas para a população de rua, normalmente patrocinadas por projetos sociais desenvolvidos por organizações não governamentais (ONGs). Mais uma vez, a segregação social atuando, se não são todos pretos, negros e afro-descendentes, são quase todos que fazem fila e que seu estado de ser e de viver já foi tão depauperado pela pobreza, autoestima baixa, vícios, miséria, que são comparados a seres inanimados: a pedras, pelos olhos de muitos que passam e não enxergam, são como as pilastras dos arcos? E assim, a Lapa de Madame Satã e da boemia se transforma em pedras..., em pobreza e em tristeza.

Fila de pedras

Na Lapa, bem embaixo dos Arcos, / pelas onze da manhã / começa a se formar / uma fila de pedras. / São trazidas e colocadas / por trapos e garrafas de aguardente, / que carregam gentes / com o coração da minha cor. / Pelas duas da tarde / a fila de pedras se transforma / em fila de pedras, tralhas e gentes / e o meu coração de gente, / já não é da minha cor. / É todo de tralhas e pedras e trapos e aguardente... / Não sou mais observador, / sou a fila, sou a dor, / sou a disputa, sou a desdita / que não houve / entre classes sociais. / Perto das quatro horas, / quatro e meia, / na fila de pedras, / só tem gente / ... cabisbaixa, mas é gente. / É quando chegam umas freiras, / vestidas de branco e azul e turbantes, / e com calmos semblantes, / distribuem uns papezinhos / que valem a janta, a sopa / e a fila de pedra, toda feliz, / se dispersa pela Avenida Mem de Sá. / Eu me sinto rocha e abismo. (SEMOG, 2010, p. 62)

E, ainda pela Lapa e por suas calçadas...

Nas calçadas da Lapa

Tem dias que olho / os negros espalhados / pelas calçadas da Lapa / (Sou eu? Sou eu?) / bêbados, fétidos, / com os culhões vazando / pelas calças rasgadas... / (ai de ti Zumbi! Ai de ti Zumbi!). / E ficam ali alheios de toda a guerra / e ficam ali alheios de toda a cor / com suas mulheres negras, amulatadas / amamentando filhos negros, amulados, / com os olhos minguados assim, / e os seios sujos e flácidos / e a moeda, a caridade / o olhar dos brancos / o meu olhar sem dor sem fúria. / A cachaça, os restos de tudo. / (Sou eu! sou eu!) / Tem dias que não consigo / levantar da calçada / para ir numa reunião / dessas entidades negras... / e nas vezes que vou, / não vou todo. / Metade de mim fica lá, / nas calçadas da Lapa. / Mas é nas entidades negras, / no movimento negro, / que sinto um sopro, uma fé, uma proteção. / Eles escrevem documentos e mais documentos para os partidos, / para o presidente, até para o exterior. / Sinto que sou um elo / e é possível ser negro / só não consigo escapar das calçadas da Lapa. / Valei-me de ti Zumbi, valei-me. (SEMOG, 1997, p. 132-133)

Apesar da dor e da “cor da demanda” encontrada na Lapa, Semog considera este lugar sua própria albumina ao dizer: “Eu amo a Lapa e seus mistérios / como um jogador de sinuca / ama a bola da vez. (...) a Lapa é minha, / com a sua exuberância de tudo, / em Geraldo Pereira, Carmem Miranda, / Madame Satã, Vera, Zuzu e Glorinha. (SEMOG, 1997, p. 119).

Partindo da Lapa para outro cenário da paisagem carioca e mais uma vez é a pobreza que assola o negro. Uma pobreza que foi construída socialmente mesmo que diante de uma história que é sua, como a formação e construção desta cidade, como a de patrimônios construídos por seus pares. O Passeio Público, todo construído por mãos escravizadas e obras de um dos mais importantes escultores afro-descendentes do século XVII, o mestre Valentim. Mas o par é com a pobreza e não com a riqueza de sua história contada a céu aberto, mas despercebida pela ignorância de desconhecer seu próprio passado. Este poema é uma descrição do que é vivido por tantas crianças negras que nascem e morrem na rua. Desconhecem o que significa uma cama, uma mesa, um banho em um banheiro, um quintal. Alguns sobrevivem se tornam adultos, continuam na rua e renovam o ciclo de moradores de rua. Um poema-denúncia, assim como outros poemas de Semog.

Destinatário

Esse moleque forjado em pé, / no bucólico Passeio Público, / aos pés de uma escultura / de mestre Valentim, / veio dum gozo apressado, / curra de amor por dois iguais, / entre beijos de jujuba e amendoim. / Nem ao menos estava igualado / entre o aborto e o descaso, / no bucho da mãe foi afogado / tomou banho de buchinha, / foi até estiletado, mas nasceu. / Nasceu bolado, / aloprado / e ainda assim sorriu / com a cor da pele inteira. / Viveu subnutrido, subservido, / subtraído, subdetudo e embora fosse / não se soube subversivo. / Salvou-se com o colostro / e todo aquele subamor / com gosto de tiner, / maconha e bala de coco. / Cresceu por ali mesmo, / ouvindo tiro de polícia, / esculacho de malandro, / rapa fora de comerciantes / e moças de seguranças. / Assim, num repente, se fez / pivete marrento, cabuloso, / e sem saber já pilotava uma magrela / e também a nau da dor... / Ferido, ferido, perdeu, perdeu / a mãe com três facadas, / duas delas nos pulmões, / quis encarar bicho solto / mas levou uns bofetões. / Agora está moço feito, / tem doze conflitos com a lei, / foi esse o jeito que teve / pra poder dar o seu jeito / em tudo que a vida fez. / E olhando assim ninguém diz, / o moleque já quebrou mais de seis. (SEMOG, p. 65, 2010)

De um Rio de Janeiro, de um período colonial, cidade porto de chegada de africanos escravizados e questionados por Machado de Assis. Do passado até os dias atuais, o que se tornou quase imutável foi este estado de miséria e pobreza, de segregação, de insalubridades e de falta de políticas públicas sérias de mudança de um grupo social tão numeroso (que sempre o foi). Pessoas que foram escravizadas,

depois seus descendentes mantidos na marginalidade e que em certos momentos se sentem sem pertencimento e até expulsos de sua própria cidade, mais ainda, expulsos da cidade que seus ancestrais construíram, sem direito a heranças:

Voltando de Gramacho pela Linha Vermelha

A cidade cresceu ao meu redor / e agora me devora pra fora, / como acontece com um botão / na casa de uma camisa. / Mas sou um negro insurreto, / que não se dobra aos infernos / que me oferecem. / Estou cercado por deveres, / obrigações, tensões urbanas / e municipalistas, / que sufocam a minha lógica tribal. / Mesmo vivendo isto, / com essas coisas tão naturais / não consigo ser cidadão. / Às vezes me respingam / manchas de sangue, noutras, / multas, e impostos, e juros, / e crianças mortas. / Muitas crianças mortas / na lama dessa democracia. / Enchentes, roubos, gente cão, / e filhos aspirados por essa / ideologia global. / Ainda assim, dia desses, / peguei um por do sol com uma lua tão linda, / ali pelos lados da ponte Rio Niterói, / que até Deus se assombrou / com a emoção que expressei, / só com esse restinho de gente guardado dentro de mim, / que não sabia que estar viva. / Eu sou um desses homens / que cuida da casa, das crianças e da mulher. / Já sei me libertar, só não preciso saber / para que ser livre. (SEMOG, p. 70, 2010)

Ou talvez, a única herança seja a criação social imposta de marginalidade e pobreza. Algo bem retratado

Considerações finais

Feições, pessoas e momentos do Rio de Janeiro que aparecem de forma tão impactante nas palavras de Semog, os mesmos já haviam sido retratado antes, de alguma maneira, por Machado de Assis. O vício, drogas e pobreza que existe em *O Jogo do Bicho* retorna em *Destinatário, Fila de Pedras, Nas calçadas da Lapa*, e da mesma maneira: destruindo a vida em família. Assim como, o subúrbio de *O Jogo do Bicho* retorna em *Outras notícias*. Se existe um panorama da cidade e descrição de lugares cariocas em *Conto de escola*, se nota algo parecido em *Voltando de Gramacho pela Linha Vermelha*. O único inconveniente encontrado em algumas das percepções dos textos apresentados é saber que se alguns dos elementos da paisagem carioca de Machado de Assis retornam em *Éle Semog*, e de forma tão forte, significa que o problema não foi resolvido, talvez até mesmo ampliado pelo fato de que não estamos mais no século XIX! “É nesse Rio de Janeiro, / a cara do Brasil inteiro, / que ferve a luz de vida / que torna tudo encantado.” (SEMOG, 2010, p.99)

Outros exemplos de características da escrita afro-descendente feminina estão nos contos de Lia Vieira que descrevem situações e lugares da cidade e Estado do Rio de Janeiro. No conto *Operação Candelária*, a autora, de forma ficcional, escreve sobre a chacina da candelária mostrando a crueldade do pensamento e ações urbanas sobre os chamados pivetes (as crianças pobres, moradoras de rua, que em grande maioria são afro-descendentes):

Os pobres de hoje não exageram quando dizem que não têm onde cair mortos", pensou. Não sentia frio, nem sono, nem cansaço. Apenas uma infinita sensação de abatimento. O oficial inclinou-se sobre a fonte de tanto sangue vertido. Rolando observou as marcas deixadas nos corpos pelos projéteis. Não pôde evitar um tremor. Diante de um dos corpos inertes, pareceu-lhe que os traços no rosto paralisado pela morte sugeriam vida, uma obstinada permanência da juventude. (VIEIRA, 2011, p. 51).

Uma constante nas grandes cidades e que afetam principalmente os afro-descendentes diante de um processo histórico marginalizante, cruel, empobrecedor, desigual e injusto. Que no desenvolver da feminilidade urbana, no seu crescer e desabrochar mulher é comum conviver com estas cenas e muitas das vezes viver sendo as avós, mães, irmãs, tias e primas das vítimas dessas violências. Em qualquer lugar onde se encontram essas mulheres, a sensação é que estão predestinadas a naturalizar violências que são de vários níveis e intensidades. Às vezes, a violência é o de caminhar à sombra de seus homens, as tais dores e cicatrizes que o machismo impõe à mulher, no conto *Os Limites do Moinho*:

Já estou há dois dias em Havana. (...) Javier Losada, um cineasta, concluiu recentemente seu primeiro filme. Sua mulher Maria Consuelo só vive para a carreira dele. Fala com entusiasmo e não disfarça a ansiedade: há pequenas linhas agudas em torno de sua boca. Está nervosa e fuma o tempo todo. Ela toca o instinto de proteção que existe dentro de mim. (VIEIRA, 2011, p. 20)

E, Lia Vieira caminha da cidade para o campo e vice-versa em seus contos e poemas, descrevendo por meio de seu olhar feminino a geografia dos lugares, lembranças e memórias da ancestralidade afro-brasileira, de heranças africanas que existem no rural e no urbano. Mas, por ocasião da sociedade desigual em que se encontra, também descreve as mazelas dos processos que o afro-descendente sofreu historicamente e ainda convive nos dias de hoje, ou seja, percebidas no cotidiano, tanto na cidade quanto no campo.

Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO. 1997.

ASSIS, Machado de. Conto de Escola. In: *Várias histórias de Machado de Assis*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2002. Disponível em: <www.virtualbooks.com.br>. Acesso em maio de 2011.

ARAÚJO, H. A. Geografia e literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. In: SILVA, M. A. e SILVA, H. R. F. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: EDUFBA, 2010. pp. 33-49.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDHAL, Zeny. (orgs.). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. pp. 17-77.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. *A vida dos grandes brasileiros: Machado de Assis*. São Paulo: Editora Três. 2001.

CUNHA, Alecsandra Santos da. Literatura, poesia e as diversas linguagens da Geografia. In: *X ENPEG/Porto Alegre*. 18p. 2009. Trabalho Completo. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(64\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(64).pdf)> Acesso em: 23/02/2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida. 2. ed., 2007.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica. 3. ed., 2009.

RIO, João do. *A Alma encantadora das ruas*. Niterói: Imprensa Oficial. 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Contos de Machado de Assis: Política e Escravidão*. Rio de Janeiro: Record. v.5, 2008.

SEMOG, Éle. *Tudo que está solto*. Rio de Janeiro: Letra Capital. 2010.

_____. *A cor da demanda*. Rio de Janeiro: Letra Capital. 1997.

SILVA, Rosemere Ferreira da. Severo D'Acelino e a produção textual afro-brasileira. *Revista África e Africanidades*. 2008. mai., n. 1, Ano 1. 13p. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Severo_%20DAcelino_e_a_producao_literaria_afro-brasileiradoc.pdf> acesso em 06/05/2011.

VIEIRA, Lia. *Só as mulheres sangram*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.